

FORMAÇÃO E LITERATURA: OS SIGNIFICADOS DOS LIVROS PARA AS MULHERES

Patrícia Aparecida do Amparo¹

Resumo: Esse texto tem como objetivo investigar as relações entre a literatura e as mulheres, a partir da compreensão das funções e significados atribuídos à literatura por elas. Para tanto, fazemos uma incursão na produção de artigos sobre o tema de modo a compreender como, ao longo do tempo, as mulheres se constituem em um público leitor e os usos que elas fazem da literatura. Este esforço se mostra importante no campo educacional, uma vez que a literatura tem se constituído como um espaço significativo de educação feminina em ambientes distantes da escola, quando se pode formar comportamentos femininos desejados bem como fazer desse objeto um modo de reivindicação social. Percebemos que a literatura tem se mostrado um lugar de disputa em que representações sobre as mulheres entram em debate. Assim, existe um conjunto de publicações que tendem à manutenção do modelo feminino ligado ao lar e aos filhos, mas existe também uma forte prática de escrita feminina que busca maiores liberdades e direitos para as mulheres.

Palavras-chave: Literatura – formação feminina – escrita feminina

LA FORMACIÓN Y LA LITERATURA: LOS SIGNIFICADOS DE LOS LIBROS PARA LAS MUJERES

Resumen: Este trabajo tiene como objetivo investigar la relación entre la literatura y las mujeres, a partir de la comprensión de las funciones y los significados atribuidos a la literatura por ellas. Con este fin, se hace una incursión en la producción de artículos sobre el tema intentado entender cómo, con el decurso del tiempo, las mujeres se constituyen en un público de lectores y intentado entender los usos que hacen de la literatura. Este esfuerzo resulta ser importante en el campo educativo, ya que la literatura se ha establecido como una área importante de la educación de la mujer en las zonas apartadas de la escuela, cuando se puede formar las conductas femeninas deseadas, y hacer de este objeto un modo de reivindicación social. Percibimos que la literatura ha sido un lugar de pelea en que las representaciones de las mujeres entran en debate. Así, hay una serie de publicaciones que tienden a mantener el modelo femenino conectado a la casa y los niños, pero hay también una fuerte práctica de escrita femenina que busca mayores derechos y libertades para las mujeres.

Palabras clave: Literatura, formación femenina, escritura femenina

FORMATION AND LITERATURE: THE MEANINGS OF BOOKS FOR WOMEN

Abstract: This paper aims to investigate the relationship between literature and women, from the understanding of the functions and meanings attributed to literature by women. To do so, we make a foray into the production of articles on the subject in order to understand how, over time, women constitute themselves as readers and the uses they make of the literature. This effort proves to be important in the educational field, since the literature has been established as an important area of female education in distant environments from school, when it can form

¹ Doutoranda em Educação – FEUSP. EMAIL: patricia.amparo@usp.br

appropriate female behaviors as well as making of such object a mode of social demand. We realize that literature has been a place of dispute in which representations of women come into debate. Thus, there is a set of publications that tend to maintain the female model linked to home and children, but there is also a strong practice of female writing that seeks greater rights and freedoms for women.

Keyword: Literature, female education, female writing

Introdução

É comum encontrarmos em obras literárias imagens que aproximam as mulheres da literatura. Como exemplos disso podemos nos lembrar das constantes referências que Machado de Assis fazia à leitora de seus romances; ou, em outro sentido, a jovem Clarissa, personagem criada por Érico Veríssimo, cuja vida era organizada pela escrita de um diário e a leitura intensa de poemas; nessa lista também pode ser lembrada Emma Bovary, de Flaubert, acusada de alimentar sonhos proibidos por conta da leitura de romances. Essas são apenas algumas das imagens que contribuem para definir uma representação bastante comum de que a leitura e os livros estão próximos ao universo feminino, seja porque a elas são destinados os livros ou porque a leitura é parte fundamental de sua formação amorosa e sentimental.

Esse artigo investe nessas ligações entre as mulheres e a literatura, buscando compreender quais são as funções atribuídas à literatura pelas mulheres. Assim, investigaremos como a literatura tem se relacionado com o universo feminino, desde o momento em que as mulheres passam a ser reconhecidas como um público leitor específico, até uma pequena incursão acerca dos usos que as mulheres podem fazer dos livros destinados e escritos por elas.

Para tanto realizamos uma revisão bibliográfica, a partir de pesquisadores que se dedicam ao estudo da leitura, como é o caso de Marisa Lajolo e Regina Zilberman (2002), que nos dão uma explicação acerca da “descoberta” das mulheres como leitoras e do tipo de publicação que se torna a mais indicada a elas. Para a tentativa de caracterização das funções da literatura para as mulheres brasileiras, utilizamos autoras como Rachel Soihet (1997), Heloísa Buarque de Hollanda (1992), Rita Terezinha Schimidt (2000) e Jane Soares de Almeida (1998).

Este esforço se mostra importante no campo educacional, uma vez que a literatura tem se constituído como um importante espaço de educação feminina, como observou Maria Teresa Santos Cunha (1995), ao analisar os livros de M. Delly. A autora notou que por meio dos

romances as moças aprenderam sobre seus papéis sociais e desenvolveram sua formação sentimental². A formação por meio da literatura, desse modo, ocorreria em um espaço não-escolar do qual também fazem parte a televisão, a música e outros objetos que funcionariam a partir de uma *pedagogia cultural*, que tem as seguintes características:

Muitos espaços e processos sociais, além da escola, constituem-se em instâncias educativas. As formas pelas quais essas instâncias interpelam os sujeitos diferem, contudo, daquelas em ação na escola e, conseqüentemente, também seus efeitos podem ser distintos. (LOURO, 2000, p.423).

Nesse caso, não se trata de ensinar conteúdos – pelo menos, não do modo como a escola ensina. Vê-se uma formação dada de maneira quase imperceptível pelos consumidores desses produtos, prestando-se mais à formação das pessoas no que concerne ao seu entendimento de mundo e à sua compreensão dos papéis sociais. Nesse sentido, observaremos como as mulheres têm se relacionado com a literatura e, por meio dessa aproximação, podem entrar em contato com sentidos ou práticas formativas.

* * *

As mulheres se tornam um público leitor

A compreensão das mulheres como um público leitor, o que implica no lançamento de livros destinados a elas, passa a existir, na Europa, com o Renascimento (LAJOLO E ZILBERMAN, 2002). Antes desse momento os textos não eram estruturados de modo a atenderem ao público feminino, pois até então ainda não havia esta distinção. Contudo, a partir do século XVI, com as mudanças sociais, políticas e econômicas que se verificaram na sociedade, a educação feminina passa a ser um imperativo. Como consequência da maior alfabetização e do recolhimento feminino no espaço privado, as mulheres são consideradas um público leitor particular, o que demanda a fabricação de livros que possam atender ao seu gosto, assim como, corresponderem aos anseios do que se define como sendo seu papel social.

² No que se refere à ideia de formação por meio da literatura, procuramos nos aproximar das proposições de Antonio Candido (2004). Para o autor, a literatura é um fator de humanização, uma vez que ela encerra, em sua forma e conteúdo, elementos extraídos da realidade e dos sentimentos humanos, apresentando aos leitores notícias sobre o mundo. Nesse sentido, a literatura pode informar o equipamento intelectual e afetivo das pessoas. No caso da leitura feminina, essa experiência de leitura poderia formar suas sensibilidades amorosas, sentimentais, além de fornecer uma possibilidade de reivindicação social feminina.

Esse momento histórico também se caracteriza pela separação entre os espaços públicos e privados, que, de acordo com Yves Castan, François Lebrun e Roger Chartier, seguindo as indicações de Phillipe Ariès, deu-se devido a três fatores:

O novo papel do Estado, que cada vez mais interfere em questões que durante muito tempo não eram de sua alçada; as Reformas religiosas, tanto as protestantes como a católica, que exigia dos fiéis uma devoção mais interior, mais íntima; por fim, os progressos do saber ler e do saber escrever, graças aos quais o indivíduo pode se emancipar dos antigos elos que o prendiam à comunidade numa cultura de fala e gesto (CASTAN; LEBRUN; CHARTIER, 2002, p.22).

As mudanças citadas acima são resultado da consolidação progressiva da burguesia no poder, que vai imprimindo seu modo de agir e pensar a sociedade. Desse modo, o novo sistema passa a ressaltar o surgimento do ser humano como um indivíduo singular, que orbita entre os espaços públicos e privados. A partir dessas linhas gerais, mudam-se quase todos os modos de se relacionar com o Estado, consigo mesmo e com os outros.

Assim, a leitura e a escrita são associadas à vida privada, como um símbolo da vida interior que as pessoas descobrem ter, uma expressão de sua individuação. Como consequência, cresce o número de escritos íntimos, como a autobiografia, as memórias, os diários, entre outros (FOISIL, 2002, p.332). Surge também a leitura silenciosa, que evidencia uma forma íntima de se relacionar com o escrito. Além disso, de acordo com Roger Chartier, a alfabetização torna-se mais difundida: “Assim, em toda parte a era moderna conhece um crescimento, muitas vezes nítido, das porcentagens de homens e mulheres capazes de assinar o nome, seja qual for o nível das taxas em valor absoluto” (CHARTIER, 1991, p.117). A essa maior alfabetização, deve-se acrescentar o número de livros que passa a ser maior nas casas, assim como, a presença de bibliotecas que tornam a leitura mais acessível.

Diante dessa situação de grande valorização da leitura, aliada aos novos valores burgueses capitalistas, as mulheres passam a ser reconhecidas como um público apartado e definível. Para tanto, deve-se somar, além das novas funções de leitura, a necessidade de educação feminina. Para que se consolidasse o novo modo de organizar a sociedade, a mulher precisava ser educada para exercer seu novo papel, que estava ligado ao cuidado abnegado da casa e dos filhos. A mulher passa a ser a primeira professora de seus filhos, especialmente das filhas, pois a educação escolar destas demora mais a acontecer. Em relação ao papel feminino na sociedade burguesa capitalista percebe-se que:

[...] Sua ocupação é prioritariamente doméstica; o cenário: a casa; sua vocação: encarnar a imagem da esposa e mãe, arraigada pela Igreja e pela sociedade civil. A exigência de honra – feita de aparência, fidelidade aos seus e a sua boa reputação – resume-o muito bem; portanto, uma dedicação constante a todos que vivem sob seu teto a destina a servir [...] (CASTAN, 1991, p.417).

Deste modo, entre os séculos XVI e XVIII, há grande discussão na sociedade europeia acerca do tipo de educação que se deve dedicar às moças. Em toda parte, seja entre reformadores católicos e protestantes, entre pessoas de letras e personalidades femininas afortunadas, reconhece-se a necessidade de tal educação. Contudo, ela não poderia ser a mesma dada para os rapazes, ela tinha contornos próprios (SONNET, 1994). O currículo que vai se constituindo não tem tantas disciplinas teóricas e de fundamentação quanto o currículo masculino, limitando-se ao ensino elementar do ler e escrever e enfatizando a realização de trabalhos “úteis”. Vejamos:

O pouco tempo concedido ao ensino geral, seja em benefício dos trabalhos de agulhas, dos exercícios de piedade ou dos dois, só permite às raparigas aflorarem alguns conhecimentos que os irmãos tiveram oportunidade de aprofundar. Tem-se sempre medo de ensinar demasiado às raparigas, de as fazer perderem-se na vaidade dos conhecimentos supérfluos. (SONNET, 1994, p.171).

Desse modo, percebe-se que a educação feminina, apesar de ser reconhecida como necessária, não era destinada ao desenvolvimento integral de suas faculdades cognitivas, era, principalmente, destinada a uma espécie de educação de seus modos de agir e a uma formação dos papéis e funções que as moças desempenhariam em suas casas futuramente. Entretanto, não devemos pensar que não havia educação mais abrangente para mulheres, pois algumas moças, educadas por tutores em suas próprias casas, como ressalta Martine Sonnet (1994), experimentavam educação semelhante àquela dada aos rapazes.

Como consequência, surge um problema, pois a necessidade de educação feminina faz aumentar o número de mulheres alfabetizadas, o que comprova Roger Chartier (2002), mas, ao mesmo tempo, devido à posição social a qual as mulheres são destinadas, a literatura não poderia significar um atentado contra esse padrão de comportamento que vinha se consolidando. Então, a partir do momento em que se pensa, na Europa, sobre a leitura feminina, une-se a essa pergunta a preocupação do que as mulheres devem ler. Para sanar o problema, a sociedade do período encontra a solução produzindo uma literatura que se modifica para atender esse novo público:

Para se adaptar ao novo público, os textos passam por mudanças estruturais, aparecem novos gêneros literários, mais prosaicos, e começa a desgastar-se o emprego de expressões elevadas [...] aumenta com uso o número de obras em prosa, de consumo mais fácil que os textos em verso, sobretudo os de tendência épica, como eram as expressões nobres da Renascença; aparecem gêneros originais, de trama prolongada e atraente como o romance e o folhetim; priorizam-se enredos romanescos e de aventuras, herdeiros do romam courtois, mas dissociados da religião; enfatizava-se a apreensão dos comportamentos a partir de um ângulo interno, gerando a narrativa psicológica; e a valorizava-se a personagem feminina enquanto protagonista da grandes amores. (LAJOLO E ZILBERMAM, 2002, p.237).

Como se vê, a literatura feminina que vai se consolidando já nasce com a preocupação de facilitar essa atividade intelectual. A capacidade feminina para a leitura é considerada inferior, do que se depreende a necessidade de modificação, com vistas à simplificação, tanto da forma, optando pela prosa, quanto do conteúdo, que se preocupa mais com a criação de aventuras e peripécias. Além disso, a literatura também é vista como um modo de educação moral para as moças. Assim, começa a se consolidar uma tradição literária dedicada às mulheres que contém o embrião do que ainda hoje encontramos entre os produtos editoriais femininos.

Essas mudanças do escrito acontecem, em parte, porque no período concebe-se uma diferença intelectual “natural” entre homens e mulheres, o que se funda, a princípio, nas escrituras sagradas e, depois, por meio das ciências. De acordo com Rachel Soihet: “Assim, o processo genético dos conhecimentos que conduz ao pensamento abstrato teria na mulher ficado congelado, completando-se o processo, apenas, nos varões. A mulher teria permanecido na etapa da imaginação” (SOIHET, 1997, p.9).

Como consequência, apenas livros mais amenos e açucarados poderiam agradar ao gosto e às possibilidades intelectuais das mulheres. Alia-se a essa ideologia, a crença geral do perigo que a literatura pode causar para as moças. Ao comentar sobre quadros que representam mulheres lendo, Roger Chartier nos revela essa faceta:

Assim, todos os indícios são reunidos para caracterizar a leitura do romance que alimenta sonhos perturbadores, nutre expectativas sentimentais, excita os sentidos. Desse modo, associa-se a “...leitura feminina, ócio preguiçoso, prazer sensual e intimidade secreta” (CHARTIER, 1991, p.146).

Como resultado, esse prazer íntimo deve ser vigiado por pais e maridos zelosos de sua moral familiar. Vê-se, portanto, um sentido formativo relacionado aos deveres domésticos sendo difundidos por meio da literatura. Contudo, conforme o mercado editorial vai se consolidando e as mulheres, além de um público leitor, passam a ser um público consumidor

considerável, os editores tentam conciliar ainda mais os pressupostos morais com o aumento do número de lançamentos de produtos femininos.

As leitoras brasileiras

Em relação à situação brasileira, a questão da leitura feminina ganha outras características. Se concordarmos com Marisa Lajolo e Regina Zilbermam, o reconhecimento das mulheres como um público leitor se associa ao contexto de ascensão da burguesia ao poder, que transmite às mulheres novos papéis sociais e, além disso, sua educação passa a ser algo importante, o que aumenta o número de mulheres alfabetizadas; são esses os fatores que determinam a possibilidade de constituição de um público leitor feminino. No Brasil, isso acontece apenas depois da Independência, quando se pensa em um projeto educacional que inclui as meninas, o que gera aumento no número de mulheres alfabetizadas, tendo como resultado sua consideração como um público específico, de forma a produzir reflexos na circulação de livros, quando surgem publicações voltadas a elas.

Nesse período, as discussões sobre a educação feminina giravam em torno de sua formação para o exercício correto da maternidade, que compreendia, agora, a tarefa de educar os filhos enquanto eles não fossem para a escola, pelo menos nas camadas mais abastadas da sociedade. Além disso, as mudanças que sofriam as cidades centrais brasileiras, como o Rio de Janeiro, colocavam as mulheres em outro papel social. A mulher passa a desempenhar função importante como representante do marido em eventos sociais: “Agora, as festas privadas, os salões políticos e sociais tornam-se constantes, criando-se condições de relacionamento favorável aos interesses econômicos e políticos da elite dominante” (SOIHET, 1997, p.15), o que coloca o tema da educação feminina na pauta de discussão da época. Contudo, percebe-se que, apesar de apresentar a necessidade de educação, ela não significa um reconhecimento da igualdade entre homens e mulheres, mas apenas uma educação que lhes permite cumprir sua função social.

No livro *A Formação da Leitura no Brasil*, Maria Lajolo e Regina Zilberman (2002) relatos de pessoas que visitam o Brasil e registram a situação da educação das mulheres. Acompanhem alguns relatos:

Estava assentado que o saber ler para elas não deveria ir além do livro de rezas, pois que esse lhes seria inútil, nem tão-pouco desejava que escrevessem a-fim-de que não fizessem, como sabiamente se observava, um mau uso dessa arte. (LUCCOCK *apud* LAJOLO e ZILBERMAN, 2002, p.241).

Assim, o cronista John Luccock, que viveu no Brasil em 1808 e 1818, apresenta uma educação que não se prestava a uma formação mais ampla e completa, sendo destinada apenas à aprendizagem rudimentar do que lhe servisse para exercer suas funções de educadora dos filhos e representante do marido na cena pública. Ainda em relação à formação dada às mulheres, os saberes considerados úteis para elas se relacionavam às prendas domésticas:

No Brasil, a moça bem educada, de boa formação (uma moça muito prendada) é aquela que com um pouco de música e de francês, sabe dançar um solo inglês, sabe bordar, fazer crochê e conhece a difícil arte de descascar, com gosto, uma laranja. (BELMAN *apud* LAJOLO E ZILBERMAN, 2002, p.243).

Acompanhando a irônica fala de E. Belman, percebe-se que a educação das prendas femininas torna-se fundamental, o que vai ao encontro das funções públicas que as mulheres devem desempenhar. Além disso, notamos a influência que a cultura estrangeira desempenha na sociedade brasileira. O gosto pelo estrangeiro também se vê pelas obras literárias com as quais as mulheres tomam contato. Em sua maioria, são romances folhetinescos traduzidos do francês. Marisa Lajolo e Regina Zilberman afirmam:

Que a literatura francesa em tradução esteve presente nas primeiras décadas do século XIX, testemunha-o a pesquisa efetuada por Alfredo do Vale Cabral, que constata presença de novelas traduzidas e publicadas pela Imprensa Régia, todas de teor sentimental [...]. (LAJOLO e ZILBERMAN, 2002, p.242).

Essas leituras açucaradas se constituíam como as principais leituras autorizadas para as boas moças, pois não lhes eram perigosas, atentando contra os bons costumes aceitos para no período.

Além dos folhetins franceses, no Brasil, cresce, junto com o romantismo, a publicação de folhetins de autores brasileiros nos rodapés de jornais, consistindo em uma referência literária para as moças e moços da sociedade. Mas, principalmente, as mulheres tiveram papel fundamental para a formação do romance brasileiro ao gosto local, pois, na condição de leitoras dos folhetins, eram grandes conhecedoras do produto, o que nos conta Heloísa Buarque de Hollanda (1992) a partir das reflexões de Marlyse Meyer.

Os usos da literatura entre as mulheres

Contudo, não podemos pensar que o universo literário feminino restringia-se àquilo que se destinava a elas. Pelo contrário, assim que as mulheres entraram em contato com as artes literárias, trataram de utilizá-las de acordo com outros objetivos, inesperados e indesejados.

Em primeiro lugar, as mulheres não quiseram apenas ser leitoras, quiseram ser, também, autoras. No final do século XIX e início do século XX, a sociedade francesa observa uma explosão no número de mulheres escritoras, o que não se via anteriormente, pois a elas era vetado o exercício da escrita, sendo exercido apenas debaixo de um pseudônimo masculino que escondia sua identidade de gênero, como nos explica Gabrielle Houbre (2002), no texto *A belle époque das romancistas*. Contudo, com o número crescente de leitoras e com o reconhecimento da importância desse espaço, as mulheres atrevem-se, cada vez mais, a escrever. Surge, então, uma verdadeira geração de romancistas, que passam a escrever muitos livros, formando uma bibliografia vasta. Essas escritoras logo encontram grande reconhecimento público, se não pelos homens, pelas mulheres que, nesse período, já se consolidaram como um robusto público leitor, criando-se até mesmo premiações para as romancistas.

Essas mulheres utilizam a literatura como um espaço de discussão dos novos modelos sociais, principalmente, dos papéis femininos que elas percebem nessa sociedade:

As obras dessas romancistas apresentam tramas narrativas avizinhas nas quais predomina, em suas heroínas, o conflito entre o investimento na vida privada (amor, casamento, maternidade) e o engajamento em uma vida profissional valorizada (jornalismo, ensino, medicina, direito...), conflito que questiona diretamente o teor habitual do relacionamento entre os sexos. (HOUBRE, 2002, p.330).

Esses questionamentos realizados pelas mulheres são resultado dos novos imperativos sociais difundidos na sociedade pelas militantes feministas, que coloca as mulheres diante de possibilidade e necessidade de tomada de decisão em relação aos modelos que querem defender. Desse modo, discutem em seus escritos a respeito dos papéis amorosos desempenhados por mulheres e homens. Passa-se a discutir as questões relativas ao sexo, do que se percebe maior pressão pela liberalização dos comportamentos femininos.

Essas temáticas são totalmente inexistentes nos livros escritos por homens, que ainda representam o modelo feminino casto e abnegado, em favor do marido e dos filhos. Além disso, as mulheres escritoras sofrem grande preconceito diante do olhar masculino, acusadas de serem mulheres *perdidas* e que, além disso, não demonstravam ter talento para a escrita, realizando um trabalho menor. Esse ataque simbolizava, segundo Gabrielle Houbre (2002), uma reação que pretendia desautorizar o trabalho artístico feminino e mostrava que os homens não

esperavam que as mulheres pudessem *de repente* mostrar-se tão intensamente na praça pública, com obras que discutissem seu papel social e a própria sociedade.

De modo semelhante, o Brasil também vê o crescimento dos escritos femininos. Isso acontece durante o século XIX, com o movimento literário romântico, no qual percebe-se grande participação feminina, que, de acordo com Rita Terezinha Schimidt (2000), no texto *Mulheres reescrevendo a nação*, foi silenciada pela *tradição cultural brasileira*. De acordo com a autora, esse movimento literário é um dos espaços nos quais a identidade nacional brasileira é desenvolvida, sendo responsável por criar e difundir representações sociais que singularizavam as características nacionais que traduziam a independência brasileira. A literatura masculina tornou-se canônica, associada às imagens ufanistas do país e a uma concepção idílica e unívoca da nacionalidade, apagando todos os conflitos internos entre as etnias.

De maneira oposta, a literatura feminina do período desvela uma outra imagem do país, mais associada aos conflitos sociais, que apresentam uma representação concorrente com a narrativa canônica. Autoras como Ana César e Júlia Lopes de Almeida fazem uma literatura que rivalizava com os paradigmas da civilização que se imprimia, como a masculinização, a elitização e o branqueamento. Ana César, que foi jornalista, poeta e ficcionista, participou ativamente na imprensa do período, defendendo educação e cidadania plenas para as mulheres, que, em sua visão, não deveriam estar confinadas nos espaços privados. A reivindicação da participação política feminina é uma das marcas da autora.

Já Júlia Lopes de Almeida foi um grande sucesso literário para sua época, sendo reconhecida por renomados críticos literários. Contudo, ela, simplesmente, não aparece na narrativa literária canônica. Sua literatura é, particularmente, profícua para se encontrar uma outra representação da sociedade brasileira. Ela se dedica a falar dos modos de vida da burguesia, com embates familiares, traições, privilégios defendidos pela classe, a manipulação e hipocrisia perpetradas por eles e a opção pela arte francesa que é suplantada em nossa sociedade. Além disso, a autora, em seu livro mais famoso, *Silveirinha*, apresenta a identidade racial brasileira como um drama, algo mal resolvido. Também discute a sociedade brasileira patriarcal, falando sobre os papéis masculinos e femininos. Desse modo, essas mulheres problematizam a sociedade brasileira em suas produções artísticas, que são *esquecidas* pela história da literatura tradicional.

Além da literatura, no final do século XIX e início do século XX, percebe-se, no Brasil, a intensificação das publicações de revistas e jornais femininos, alguns escritos por homens e outros escritos por mulheres. Como resultado, verificamos nos escritos de uns e de outros uma

mudança no teor do que é apresentado e dos modelos femininos presentes. Vamos acompanhar alguns casos.

Como ressalta Jane Soares de Almeida (1998), no texto *Imagens de mulher: a imprensa educacional e feminina nas primeiras décadas do século*, os periódicos, nesse período, desempenharam papel fundamental na veiculação de ideias e costumes no país. Nesse sentido, a imprensa torna-se um espaço de educação das mulheres. Logo, estas publicações veiculam representações femininas de acordo com os interesses políticos e ideológicos do grupo que as produz. Jane Soares de Almeida nos fala desses interesses relacionados ao gênero, assim, as publicações femininas escritas por homens apresentam grande afinidade com as representações dominantes que circulam pela sociedade:

Escritas e dirigidas por membros da elite paulistana, com maioria de artigos de lavra masculina, essas revistas eram mundanas, leves e veiculavam valores burgueses. O imaginário masculino acerca da figura feminina prendia-se aos padrões tradicionais que nem o pós-guerra, nem as mudanças sociais intentaram diluir. (ALMEIDA, 1998, p.34).

Assim, como um espaço de disputa por uma representação feminina, a imprensa era utilizada para difundir os valores de uma sociedade que gostaria de manter sua ordem social, com os novos valores burgueses atrelados às tradicionais estruturas sociais.

De modo semelhante, a imprensa periódica feminina, escrita por mulheres, também utilizava esse espaço como uma plataforma política para suas reivindicações. Informadas pelas feministas europeias e pelas mudanças sociais que o Brasil verificava no início do século XX, com o crescimento da urbanização e da modernização das cidades, um novo ritmo de vida se impunha. E nessa nova conjuntura, as mulheres buscavam encontrar-se em um novo papel social, mais condizente com a sociedade moderna. Assim

Para a aquisição de uma maior visibilidade para as mulheres e o reconhecimento de sua importância nos rumos da sociedade modernizada e urbanizada, o papel da imprensa feminina foi determinante. A divulgação que se deu aos anseios femininos mostrou que havia em todos os lugares uma insatisfação que necessitava ser sanada. O santuário do lar e a santificação da maternidade não eram questionados, mas sim os mecanismos de desigualdade que alocavam às mulheres papéis secundários no espaço público e as alijavam das instâncias de poder. (ALMEIDA, 1998, p.37).

Nota-se, desse modo, que a escrita feminina em periódicos torna-se muito importante diante das reivindicações por maior educação, participação profissional e política. Além disso, torna-se um meio de se alcançar o espaço público, das discussões públicas, lugar no qual,

anteriormente, as mulheres não poderiam estar. Ao mesmo tempo em que essa participação mostra uma mudança social, também quer produzir mais mudanças, por isso, entra-se no campo das disputas por representações sociais.

Por último, cabe ressaltar que, além dos usos políticos do espaço da escrita, mesmo sem se filiarem a algum movimento feminista, as mulheres podem fazer usos variados dos escritos que lhes são destinados, mesmo dos romances folhetinescos. Como dissemos anteriormente, durante o final do século XIX e início do século XX, as mulheres têm que desempenhar novos papéis sociais em espaços públicos de sociabilidade, devido ao modo de vida mais citadino e burguês que a sociedade brasileira passa a ter. Crescem, então, os saraus literários, lugar em que as mulheres se encontram, leem e produzem literatura, formando um real público leitor feminino. Desse modo, Heloísa Buarque de Hollanda (1992) resalta que as mulheres realizavam verdadeira crítica literária, num momento em que esse campo de atuação ainda não havia se consolidado. As mulheres lançam dicionários, compêndios, antologias, enfim, criam um espaço de reflexão pública, no qual atingem uma atividade de alto nível intelectual, comparado à atividade masculina.

Considerações finais

A partir desse quadro, podemos voltar a refletir sobre os diferentes usos que se pode fazer da literatura, até mesmo como um espaço de resistência. Se pensarmos no exemplo apresentada no tópico anterior, as mulheres fazem um exercício intelectual e público de maneira muito avançada em um espaço absolutamente autorizado pelos homens, ou seja, em um lugar no qual as mulheres podem habitar mediante a aprovação masculina, pois se entende que elas estão cumprindo a função que a sociedade as legou. Entretanto, além de cumprirem esse papel, as mulheres o fazem indo adiante, utilizando um lugar autorizado como uma forma de alcançar algum nível de emancipação intelectual. Essa relação passa por um jogo de assimilação de normas estabelecidas e quebra dessas mesmas regras, desse modo, as mulheres não podem ser entendidas no jogo das relações sociais como perdedoras, pois, como resalta Roger Chartier (1995), a incorporação de modelos nunca se dá inteiramente, as mulheres assimilam os discursos e modelos, mas, manipulam esses signos para seus próprios fins, num movimento que é de submissão e de resistência à dominação. Acompanhemos o exemplo do autor:

Uma tal incorporação da dominação não exclui, entretanto, afastamentos e manipulações. Como prova, de início o ‘efeito de beleza’. Para as mulheres,

se conformar aos cânones corporais (moveis e variados, inclusive) ditados pelo olhar e pelo desejo dos homens não é somente se curvar e uma submissão alienante, mas também construir um recurso permitindo deslocar ou subverter a relação de dominação. O ‘efeito de beleza’ deve ser entendido como uma tática que mobiliza para seus próprios fins, uma representação imposta – aceita mas que se volta contra a ordem que a produziu. (CHARTIER, 1995, p. 41).

Sendo assim, como sugere o próprio Roger Chartier, nas pessoas que falam sobre as mulheres, não se trata de dar total atenção aos discursos masculinos e tratá-los como total determinante social. Deve-se mudar o foco e buscar as práticas que são suscitadas pelos discursos, os usos feitos deles, pois, nesse movimento, encontraremos as ações de imposição e reformulação dos discursos, e os modos como eles se articulam nas práticas femininas e masculinas.

Em todo nosso texto, percebemos que, a partir do momento em que as mulheres são definidas como um público leitor e escritor, tem-se criado uma literatura estruturada para atingir o que se pensa ser o gosto feminino, falamos dos romances folhetinescos. Entretanto, além dessa leitura autorizada, com a crescente escolarização, as mulheres vão, progressivamente, tornando-se um público leitor e produtor de literatura, que acaba tendo funções, que, num primeiro momento, pareciam inesperadas. Desse modo, percebemos que a função da literatura é diversa, dependendo do uso que se faz dela.

A literatura pode ser usada como um espaço de difusão de modelos de formação femininos, seja educação moral, sexual, entre outros. O tipo de modelo que se terá, entretanto, varia de acordo com os objetivos ideológicos de quem os escreve. Além disso, a literatura, e a imprensa de modo geral, pode servir como um espaço político no qual as mulheres tentam alcançar o espaço público para discutir sua condição social, apresentando novas propostas de formação feminina. Não se pode esquecer que a literatura também pode ser o local do entretenimento, de evasão e escapismo, no qual as mulheres encontram um espaço ameno de descanso a afastamento da realidade.

Uma vez que os usos da literatura são variados e dependem do posicionamento ideológico de quem os toma, ao refletirmos a respeito da literatura como um espaço de formação feminina, devemos pensar que ela é constituída como um objeto cultural em que disputas pela definição do modo como os ordenamentos sociais se configuram acontecem. Observamos que as publicações feitas por mulheres, de modo geral, tendem a abordar as questões femininas no sentido de exigir maiores direitas para as mulheres; já as publicações destinadas a elas tendem a conservar o padrão de comportamento feminino burguês. Compreende-se, portanto, que a literatura faz parte de um espaço formativo, que concorre para a definição de representações a

respeito de si e dos outros, as disputas ao redor dos livros se mostram como disputas pelas maneiras corretas de se conceber a formação das mulheres.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Jane Soares de. Imagens de mulher: a imprensa educacional e feminina nas primeiras décadas do século. *Revista Bras. Est. Pedag.*, Brasília, v.79, n191, jan/abr, 1998. Pp.31-41.

CASTAN, Y; LEBRUN, F; CHARTIER, R. Figuras da Modernidade. IN: ARIÈS, P; CHARTIER, R. (orgs.) *História da Vida Privada, 3: Da renascença ao Século das Luzes*. São Paulo: Companhia das letras, 2002.

CASTAN, Nicole. O publico e o particular. IN: ARIÈS, P; CHARTIER, R. (orgs.) *História da Vida Privada, 3: Da renascença ao Século das Luzes*. São Paulo: Companhia das letras, 1991.

CHARTIER, Roger. As práticas da escrita. IN: ARIÈS, P; CHARTIER, R. (orgs.) *História da Vida Privada, 3: Da renascença ao Século das Luzes*. São Paulo: Companhia das letras, 1991.

CHARTIER, R. *Diferenças entre os sexos e dominação simbólica (nota crítica)*. Cadernos Pagu (4) 1995.

FOISIL, Madeleine. A escritura do foro íntimo. IN: ARIÈS, P; CHARTIER, R. (orgs.) *História da Vida Privada, 3: Da renascença ao Século das Luzes*. São Paulo: Companhia das letras, 1991.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. Os Estudos sobre mulher e literatura no Brasil: uma primeira avaliação. IN: COSTA, Albertina Oliveira; BRUSCHINI, Cristina. *Uma questão de gênero*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.

HOUBRE, Gabrielle. A belle époque das romancistas. *Estudos Feministas*. Ano 10, 2º semestre 2002.

LAJOLO, M; ZILBERMAN, R. *A formação de leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.

LOURO, Guacira Lopes. O cinema como Pedagogia. IN: LOPES, E.M.T; FARIA FILHO, L.M; VEIGA, C.G. (orgs.) *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SCHIMIDT, Rita Terezinha. Mulheres reescrevendo a nação. *Estudos Feministas*. Ano 8. n. 84. 1º semestre de 2000.

SOIHET, Rachel. Violência Simbólica – Saberes masculinos e representações Femininas. *Revista Estudos Feministas*. Ano 5, 1º semestre 97, pp.7-29.

SONNET, Martine. Uma filha para educar. IN: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *História das Mulheres no Ocidente*. Porto: Afrontamento, 1994.

Recebido em 29-10-2013
Aprovado em 13-12-2013